

QUEREMOS SER COMO ELAS: QUESTÕES DE PODER E GÊNERO

WE WANT TO BE LIKE THEM: ISSUES OF POWER AND GENDER

Juliana Neri Munhoz¹

Resumo: Este artigo traz a experiência de um grupo masculino que surge de um feminino, nos referimos aos Irmãos Azuis que descendem das Irmãs Azuis. Esta realidade é inusitada frente ao que encontramos em Congregações religiosas femininas. A partir da história da trajetória dos grupos religiosos, entendemos quem são estes que “querem ser como elas” a partir de suas relações, interações e processo formativo que se modificam pelas questões que envolvem poder e gênero.

Palavra-Chave: Congregações religiosas; poder; gênero

Abstract: This article brings the experience of a male group that arises from a female, we refer to the Blue Brothers who descend from the Blue Sisters. This reality is unusual compared to what we find in women’s religious congregations. From the history of the trajectory of religious groups, we understand who these “want to be like them” are, based on their relationships, interactions and training process that are modified by issues involving power

¹ Doutora, mestre e especialista em Ciência da Religião pela PUC-SP

and gender.

Keyword: Religious Congregations; power; gender

Neste artigo trataremos de uma experiência em que encontramos mulheres que serviram como modelo para homens, nos referimos aos Irmãos Azuis, um ramo masculino que descende da Congregação da Imaculada Conceição de Castres, as Irmãs Azuis, fundada por Emilie de Villeneuve, na França, em 1836. O inusitado foi que após anos de desenvolvimento e expansão da Congregação das Irmãs Azuis aparecem homens que “querem ser como elas”. Ou seja, após tantos anos da fundação feminina, aparecem homens interessados em seguir e partilhar experiências formativas com o grupo feminino.

Entende-se que, pelas

regras do Vaticano, eles não poderiam “ser como elas”, ou seja, ser uma vertente masculina das Irmãs Azuis e ter Emilie de Villeneuve como sua fundadora. Uma Congregação feminina inspira e oferece as bases para uma masculina, recorrendo a um método genético- histórico, estabelecendo uma história sociorreligiosa, e neste processo, buscamos analisar as relações estruturais e os atores sociais envolvidos neste contexto.

Mesmo com a inviabilidade e dificuldades, eles não buscaram outras instituições e conseguiram autorização para partilhar experiências formativas com elas, estando sob sua orientação, afastando-se assim do que é proposto para quem deseja seguir a vida religiosa como sacerdote. E realmente, no início do processo, não desejavam ser sacerdotes. Seu percurso foi cheio

de percalços e em 2016 se tornaram sacerdotes formando uma Associação Pública Clerical em Santa Cruz, na Bolívia. Fez-se necessário verificar as dificuldades, interações, contexto eclesial e histórico que fizeram parte desta história.

QUEM SÃO ELAS?

Para falar sobre estas mulheres e sobre a instituição feminina que ofereceu bases para homens atuarem revisitamos a história da Congregação da Imaculada Conceição de Castres, que “fascinou” os Irmãos Azuis e permitiu que uma nova dinâmica aparecesse. A história delas é uma história repleta de lembranças, silêncios, censuras. Buscamos compreender a forma como pensavam e agiam as irmãs e analisamos os registros e os momentos significativos desta

história: o perfil da fundadora Emilie de Villeneuve, o modo de ser das irmãs (com suas regras) e a expansão da Congregação pelo continente africano, Brasil, Paraguai e Bolívia, movimento emoldurado pelas relações de gênero.

O nascimento da Congregação se apresenta nestes escritos da irmã azul Carlota Strevis sobre a vida religiosa na França associada ao período de nascimento da fundadora Emilie de Villeneuve:

Ao despertar da aurora do século dezanove, a vida religiosa apareceu novamente na França. Muitas Congregações foram fundadas sobre os escombros amontoados pela Revolução e entre estas é notável a das Irmãs da Imaculada Conceição. [...] A jovem fundadora é a terceira filha do Conde Luiz de Villeneuve- Haute-

rive e da condessa Rosa d'Avessens. Nasceu em Tolosa a 9 de março de 1811. O seu primeiro ideal foi dedicar-se e servir a Deus debaixo da touca das filhas de São Vicente de Paulo (STREVIS; AYMA; HILARION, 1960, p. 9).

Através do que se chamou “manifestação da graça divina”, como registrado nas memórias da Congregação, com 25 anos Emilie “devia ser na sua própria terra a fundadora de uma nova obra”, porém com aprovação de seus diretores espirituais, Padre Leblanc (Província de Toulouse) e Padre Le Camus: “Consultados dois prudentes sacerdotes: o padre Leblanc seu diretor, da Província de Tolosa, e o padre Le Camus que tivera a ocasião de encontrar várias vezes, quer em Castres, quer no castelo de Gaix,

e no qual depositava a confiança mais filial” . Também é citado Dom de Qualy: “Dom de Qualy, arcebispo de Albi, aprovou a empresa, fazendo a predição seguinte: A Providência conduzirá tudo de tal modo como se vos levasse pela mão” (STREVIS; AYMA; HILARION, 1960, p. 10)

A cor azul do hábito as identifica e é como ficam conhecidas: “A Congregação da Imaculada Conceição foi fundada para exaltar esse glorioso privilégio de Maria Santíssima e por isso as religiosas ostentam como Librés as cores de sua celeste mãe: branco e azul da qual receberam a doce designação de Irmãs Azuis” (STREVIS; AYMA; HILARION, 1960, p. 32)

Nesse processo a Congregação encontra tanto em sua formação, como nas missões no continente africano e latino americano a necessidade do aval de

padres e bispos, além de questões que permeavam as regras da Congregação e os comportamentos das Irmãs em Castres até suas adaptações em outros espaços e culturas. As missões traziam desafios e novidades para vida religiosa. Os projetos pastorais chegam com as Congregações, instaurando e contribuindo com uma nova cristandade na América Latina.

Nesta história percebemos a colonialidade do poder e o movimento decolonial com a existência de práticas como o carisma aberto das irmãs e a vocação itinerante. As narrativas se baseiam na distribuição do poder de registro, com marcas de colonialidade de poder, controle mesmo à distância das freiras em missão.

Nessa história a divisão de papéis entre mulheres e homens fica implícita, uma divi-

são relacionada pelo espaço, que divide os corpos masculinos e femininos. Mesmo com a modernização da Igreja, tanto a Conferência de Medellín quanto Puebla tiveram dificuldade de tratar a questão de gênero, sem empoderar as religiosas.

QUEM SÃO ELES?

Com essa ampliação e atuação da Congregação das Irmãs Azuis, aparecem jovens que querem seguir como elas, um paraguaio e um argentino na década de 1990. Cada um deles participava separadamente, trocavam cartas com as irmãs sobre suas vontades e posteriormente conversaram entre eles mesmos. Encontramos diferentes narrações sobre o surgimento do grupo: o texto canônico trazendo uma história contada pela hierarquia. Neste documento eclesial está a

cronologia e os passos dados por eles: em 2002 iniciaram uma experiência com as irmãs; em 2004 a superiora geral autoriza e aprova o Estatuto. Segue para o ano de 2016 em que eles se tornam sacerdotes, sendo um deles pároco da Paróquia São Silvestre, em Santa Cruz na Bolívia.

Quando consideramos a história eclesial encontramos uma leitura canônica masculina que é feita por homens e pelo poder. Nas entrevistas realizadas com eles e com as irmãs que participaram dessa trajetória aparecem alguns aspectos que não foram apresentados nos documentos apresentados. Como suas motivações iniciais, informações sobre as primeiras atividades com as irmãs, também a incerteza em serem padres em um primeiro momento. Além do papel das irmãs frente a sua formação religiosa e da burocracia

e dificuldade de efetivamente se tornarem um grupo.

Cada um deles participava e atuava com as irmãs separadamente, sem se conhecer, tendo o mesmo desejo de serem Irmãos Azuis. Trocaram cartas com as irmãs e dialogaram sobre esta vontade de seguir o carisma de forma mais efetiva. O encontro dos dois e o contato entre eles permitiu que essa união se desmembrasse em algo maior. E este contato ocorreu através das irmãs que queriam maior participação deles nas missões. MUNHOZ, 2020.

Um deles conta que fazia de tudo em sua missão, que era como um “curinga” entre elas, aquele que fazia diversas atividades: na escola, catequese de adultos, sendo responsável pelos meninos no internato, enfermeiro quando uma irmã está ausente, como secretário da es-

cola. Algumas coisas interessantes foram estabelecidas entre a Congregação das Irmãs Azuis e os Irmãos Azuis:

[...] permissão para missão em Pirizal no Paraguai compartilhando a missão de educadores com as irmãs e vivendo na casa ao lado da comunidade; não haverá nenhum laço jurídico nem econômico com a Congregação das Irmãs Azuis; A irmã Provincial determinará quem os acompanhará e fornecerá o material necessário sobre a espiritualidade de Emilie e o bispo local será informado sobre a experiência;

Todas estas determinações colocadas pela Congregação das Irmãs demonstram como toda aprovação e toda essa experiência esteve a cargo delas, e

que, ao mesmo tempo, o não estabelecimento de laço jurídico e econômico com as irmãs lhes dá autonomia e, de alguma forma, diminui uma dependência administrativa e jurídica em relação a elas (MUNHOZ, 2020).

Os irmãos assim fizeram sua preparação perto do Noviciado das irmãs azuis em Assunção, depois do período de experiência na região do Chaco paraguaio. Desta forma, eles se propuseram a sair de uma cidade grande, como Assunção e Buenos Aires respectivamente, para seguirem em missão e trabalharem na região de Pirizal.

Não vemos no texto canônico as estratégias e negociações das freiras para que a vivência dos irmãos ocorresse, portanto, o documento inverte o que seria a história, eliminando conflitos e trazendo um olhar masculino. Percebemos nesse

sentido, alguns eixos relacionados ao poder, corporeidade e dinheiro, elementos que perpassam as questões levantadas.

SE TORNANDO UM IRMÃO E UMA IRMÃ AZUL

Neste trajeto dos Irmãos, as irmãs tiveram que buscar formas e adaptações para acolher o desafio de receber outros sujeitos. Observamos então ao esquadrihar o processo de formação delas e deles, as relações entre a formação e a vida religiosa, observando que relações de poder fazem parte dos dois. As memórias históricas do tornar-se freira e sacerdote, desvelam o poder e suas múltiplas facetas, apontando o desafio assumido de trabalhar o seu passado, carisma de forma ativa do processo. Através do conceito de poder e gênero buscamos entender se foi uma in-

versão ou uma adaptação as leis religiosas já existentes, e qual o grau de inovação adaptativa dada aos irmãos azuis.

A história dos irmãos fez parte de uma reorganização formativa, uma inovação adaptativa. Os saberes são intercalados e a disciplinarização confirma como as coisas deveriam acontecer. A expectativa inicial era a de poderem vivenciar o mesmo carisma e de viverem como as Irmãs Azuis viviam. Porém qual seria o conteúdo que permitiria que eles fossem como elas? Será que a presença de homens traria mudanças para a instituição religiosa, que forma um corpo e possui uma forma de pensar?

Observamos que ainda na formação não se fala de corporeidade e de sexualidade. Considera-se a figura de Maria como modelo de mulher, mesmo com algumas aberturas na profissio-

nalização das freiras. Fez parte dessa análise formativa observar as mudanças trazidas pelo Concílio Vaticano II. Por exemplo percebemos que o CV II fez uma associação do voto de pobreza aos pobres. As Congregações fizeram esse deslocamento da vida religiosa para essa ação junto aos pobres através de dispositivos utilizados na formação que associam ação social e vida religiosa. Como por exemplo as missões que são realizadas nas etapas do Noviciado ou experiências em áreas periféricas. E que de alguma forma levaram os irmãos a atuarem neste contexto.

Podemos identificar ao longo da leitura dos processos formativos da vida religiosa a demarcação do poder que estão invisíveis nos fatos, a reconhecer a complexidade dinâmica do poder. O pensamento foucaultiano quando reflete sobre as artes de

governo cria um estudo das técnicas políticas e das técnicas do eu. Seria um processo de subjetivação e a dupla governamentalidade religiosa: a de dentro, por meio de políticas de controle dos corpos e a outra pelas estruturas hegemônicas e da Igreja. Estes seriam processos que constituem uma única dinâmica estrutural com o mesmo dispositivo de poder.

CONCLUSÃO

Consideramos assim alguns fatores que propiciaram o surgimento dos Irmãos: Uma delas é que existe uma questão histórica de que o catolicismo não poderia ficar do mesmo jeito com uma entrada grande de mulheres para as Congregações religiosas, com a feminização do catolicismo. Também a questão que a Igreja tem discutido sobre o pa-

pel dos leigos e que como a modernização do catolicismo trouxe fissuras que permitiram este fato. Os problemas com o laicato ainda perduram, tendo em vista sua complexidade de atuações e de aberturas eclesiais.

Outras considerações são as mudanças sociais e culturais trazidas pelo Concílio Vaticano II e Conferências abriram portas. Também a necessidade de ampliação da missão da Congregação das Irmãs Azuis, juntamente com a necessidade de novas vocações e na ação social que envolve a vida religiosa, integrando o processo formativo dos diferentes países latino-americanos.

Entendemos também que o poder se desloca da Congregação para a Diocese, de uma ordem criativa para uma ordem clerical. Entende-se assim que mulher não pode formar homem

o que seria considerado algo novo na situação dos irmãos. O caminho da história oficial que só pode ser a partir da hierarquia, o processo religioso envolve assim carisma e poder. Os Irmãos que “poderiam vestir rosa vestem azul”, seria uma ruptura de poder que não se pode quebrar. Quem vence esta disputa nesta separação de corpos, dinheiros e legitimidade é a hierarquia e o poder. Quem vence o carisma é o poder.

Os homens tem medo de se parecer com mulheres? Ao mesmo tempo que gostariam de seguir o mesmo caminho que as irmãs, na prática e vivência o que considerariam “ser como elas”? Como gostariam de ser tratados? Algumas observações sobre serem auxiliares e serem tratados como suas meninas em seu processo de formação chamam a atenção já que tinham autonomia financeira e não faziam sua for-

mação teológica com as irmãs. Quando tem seu papel alterado como sacerdotes há um distanciamento que demonstra a inviabilidade eclesial em “eles serem como elas”, pois eles hierarquicamente “não são como elas”, já que não poderiam continuar sobre uma organização feminina. A força dos documentos eclesiais, da tradição e da hierarquia masculina demonstra isso.

Suárez, A. L. et al. Religiosas en América Latina: memorias y contextos [en línea]. Buenos Aires: Universidad Católica Argentina. Instituto de Investigaciones de la Facultad de Ciencias Sociales, 2020. (Lecturas sociales; 1). Disponível em: <https://repositorio.uca.edu.ar/handle/123456789/10510>. Acesso em: 18 mai. 2021.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

STREVIS, Carlota; AYMA, M.L.; HILARION, Irmã Saint. As Irmãs Azuis - Vida da madre Emilie de Villeneuve. São Paulo: Casa Provincial, 1960

MUNHOZ, Juliana Neri. O azul nos hábitos e nas batinas: o surgimento de uma congregação religiosa e questão de gênero. In: